

Entrevista

DA FAZENDA BARREIRINHA À UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAZONAS: TRAJETÓRIA DE VIDA E EDUCAÇÃO DO PROFESSOR JOSE ALBERTO LIMA DE CARVALHO

From Fazenda Barreirinha to the Federal University of Amazonas: the life and education journey of Professor José Alberto Lima de Carvalho

Rogério Ribeiro Marinho ¹, Matheus Silveira de Queiroz ²,

¹ Universidade Federal do Amazonas, Departamento de Geografia, Manaus, Brasil.
rogeo@ufam.edu.br

 <https://orcid.org/0000-0001-5219-8635>

² Universidade Federal do Amazonas, Programa de Pós-Graduação em Geografia, Manaus, Brasil.
matheussilveiradequeiroz@gmail.com

 <https://orcid.org/0000-0001-8722-7715>

Recebido em 31/08/2023 e aceito em 12/09/2023

RESUMO: Nesta entrevista, exploramos a notável carreira do Professor Dr. José Alberto Lima de Carvalho, destacando seu percurso desde a infância nas margens do Rio Urubu (Itacoatiara-AM) até sua destacada trajetória como professor do Departamento de Geografia na Universidade Federal do Amazonas. Sua história é um testemunho de resiliência, determinação e dedicação à educação na Amazônia, resultando em uma carreira acadêmica exemplar com contribuições significativas para o pensamento complexo e a geografia física da Amazônia ribeirinha.

Palavras-chave: Educação; Amazônia; Homenagem.

ABSTRACT: In this interview, we explore the remarkable career of Professor Dr. José Alberto Lima de Carvalho, highlighting his journey from childhood on the banks of the Urubu River (Itacoatiara-AM) to his distinguished path as a professor in the Department of Geography at the Federal University of Amazonas. His story is a testament to resilience, determination, and dedication to education in the Amazon, resulting in an exemplary academic career with significant contributions to complex thinking and the physical geography of the Amazonian riverine region.

Keywords: Educação; Amazônia; Tribute.

APRESENTAÇÃO DO ENTREVISTADO

Nesta entrevista, realizada durante o início da "vazante" de 2023, temos o privilégio de conversar com o Professor Doutor José Alberto Lima de Carvalho. Natural de Itacoatiara (Amazonas), casado com Ioná e pai de três filhos, o Professor José Alberto é uma figura proeminente da Geografia Física do estado do Amazonas.

Doutor em Geografia pela Universidade Federal Fluminense (UFF) em 2012, defendeu sua tese intitulada "Erosão nas margens do rio Amazonas: o fenômeno das

terras caídas e suas implicações na vida dos moradores," sob a orientação da Professora Dra. Sandra Baptista da Cunha. Obteve seu título de Mestre pelo Programa Sociedade e Cultura na Amazônia da Universidade Federal do Amazonas (UFAM) em 2006, com uma pesquisa sobre o tema "Terras caídas e consequências sociais: Costa do Miracauera-Paraná da Trindade, município de Itacoatiara-AM, Brasil," orientado pelo Professor Dr. Hailton Luiz Siqueira da Igreja.

Desde 1991, o Professor José Alberto é membro do Departamento de Geografia da Universidade Federal do Amazonas, onde leciona disciplinas para cursos de Graduação e do Programa de Pós-graduação em Geografia, além de desenvolver pesquisas nas áreas de Geomorfologia Fluvial e Geografia Física da Amazônia, com um enfoque particular na Hidrografia da Amazônia.

Sua dedicação à pesquisa também se estendeu a projetos relevantes, como sua participação no projeto "As cidades e os rios: tipificação da rede urbana na calha Solimões-Amazonas" desenvolvido no Núcleo de Estudos e Pesquisas nas Cidades da Amazônia Brasileira (NEPECAB/UFAM), bem como sua contribuição como na elaboração do EIA-RIMA da Ponte sobre o Rio Negro, relacionado ao levantamento e interpretação Batimétrica do local de construção.

No ambiente acadêmico, o Professor José Alberto ministrou disciplinas no Programa de Pós-Graduação em Geografia da UFAM, onde abordou temas como "Fontes Históricas e Geográficas da Amazônia," "Concepção Sistêmica, Complexidade e Geografia," e "Dinâmica fluvial e Implicações para os moradores das margens do rio Amazonas," assim como nas turmas de graduação, onde lecionou matérias como "Hidrografia da Amazônia," "Geomorfologia Fluvial," e "Teorias e Métodos da Geografia."

Sua principal linha de pesquisa concentra-se na hidrografia da Amazônia, com um foco aprofundado no estudo da dinâmica fluvial e seus impactos nas populações ribeirinhas. Professor José Alberto é membro do corpo editorial da Revista Geonorte e possui dezenas de publicações em revistas, livros e anais de eventos acadêmicos.

Como orientador, ele desempenhou um papel fundamental para formação de recursos humanos, orientando 10 alunos no curso de mestrado em Geografia da UFAM e 14 alunos de Iniciação Científica, contribuindo significativamente para o desenvolvimento da pesquisa científica na região.

Nesta entrevista, exploramos parte do vasto conhecimento e experiência do Professor José Alberto, bem como suas visões sobre os desafios e oportunidades que a Amazônia enfrenta em relação à Geografia e ao meio ambiente.

ENTREVISTA

Nos fale um pouco sobre sua trajetória de vida (onde nasceu, onde estudou, como iniciou sua formação acadêmica e onde atou como geógrafo).

Eu nasci no ano de 1954 no interior do município de Itacoatiara-AM, mais precisamente no rio Urubu, numa propriedade familiar denominada "Fazenda Barreirinha". Foi naquela propriedade que aprendi a ler e escrever com minha tia que

era uma “professora distrital”. Nos anos de 1967 e 1968 estudei em Manaus, mas por motivo de saúde de minha mãe, meu pai não teve mais como custear nossos estudos (eu e mais duas irmãs) na capital.

No período de 1969 a janeiro de 1974 vivi no interior sem nenhuma atividade acadêmica. Somente em janeiro de 1974 é que voltei a estudar em Itacoatiara. Em 1975, quando iniciava a 5ª série do primeiro grau, fui convocado para servir ao Exército em Roraima, onde dei baixa em abril de 1976 e resolvi ficar morando em Manaus. Tentando recuperar o longo tempo perdido em nível de estudo, me matriculei em cursinho preparatório para as provas de supletivo de primeiro grau, ao qual eliminei todas as disciplinas daquela modalidade em 1976. No ano de 1978 iniciei o primeiro ano do segundo grau no Instituto de Educação do Amazonas (IEA). No ano seguinte cursei o segundo ano no Colégio Christus do Amazonas e em 1980 no Colégio Ajuricaba, sendo esses dois últimos com bolsa de estudo do Governo do Estado do Amazonas.

No ano de 1980 a Universidade do Amazonas aprovou a criação dos cursos de História, Geografia e Educação Artística. Avaliando que um curso novo abriria mais possibilidades no futuro, fiz a opção por Geografia e consegui lograr êxito, e em 1981 já estava realizando o sonho de estar numa universidade ao qual conclui em meados de 1985. No período de 1982 a 1990 trabalhei como professor no Colégio Estadual Castelo Branco.

No ano de 1988 fui contratado como Geógrafo para trabalhar em um projeto de levantamento de informações para o zoneamento socioeconômico da calha do rio Amazonas, projeto esse sob a responsabilidade da Comissão de Desenvolvimento do Estado do Amazonas (CODEAMA), órgão vinculado à Secretaria de Planejamento do Estado. Em 1989 o Governo do Estado criou o Instituto de Meio Ambiente (IMA) posteriormente transformado no que é atualmente o Instituto de Proteção Ambiental do Amazonas (IPAAM). O corpo técnico do recém-criado Instituto do Meio Ambiente foi formado por duas coordenadorias que compunham a CODEAMA: a coordenadoria de meio ambiente e a de recursos naturais. Atuei como geógrafo no então IMA até janeiro de 1991 quando logrei êxito em concurso público para ser professor do magistério superior na Universidade do Amazonas.

Como deu seu ingresso como professor na UFAM?

Em 1989 o médico e professor Marcus Barros foi eleito reitor da Fundação Universidade do Amazonas (FUA). Sua administração descobriu que a Instituição tinha muitas vagas de professores(as) que já estavam aposentados e falecidos. Foi então que realizou-se uma primeira rodada de concurso em 1989, ao qual concorri, mas não consegui classificação. Foi então numa segunda rodada de concurso realizado em dezembro de 1990 que eu e vários colegas conseguiram êxito no certame e a partir de janeiro de 1991 passei a compor o quadro de professores da Universidade.

Qual foi o maior desafio que você enfrentou em sua carreira acadêmica e como você o superou, quais os principais desafios que os pesquisadores da geografia enfrentam atualmente?

Entre tantos desafios que nos foram postos, aponto a formação deficitária na graduação em Geografia. Como dito anteriormente, eu fiz parte da primeira turma de um curso recém-criado onde as limitações quantitativa e qualitativa dos docentes eram evidentes. O curso foi iniciado com apenas seis professores do núcleo de Geografia, sendo que apenas um era doutor e um mestre. Essa situação perdurou por algum tempo até que de forma lenta foi sendo ampliado o quadro de professores. Uma das estratégias de alguns poucos alunos e alguns professores foi criar uma seção local da Associação de Geógrafos Brasileiros (AGB) ao qual um pequeno grupo de interessados em Geografia se reunia aos sábados pela manhã para discutir textos teóricos. Como parte dessa estratégia, foi a realização de eventos como Encontro de Professores da rede pública e privada, bem como participação em eventos nacionais. Em relação aos desafios atuais e, considerando que o Departamento de Geografia está com seu quadro todo qualificado, o maior desafio para pesquisadores de Geografia e das universidades como um todo é superar a tímida política de incentivo à pesquisa.

Como você acha que as instituições de ensino e pesquisa podem melhorar a formação de novos pesquisadores e profissionais na área de Geografia?

Inserindo mais os alunos em projetos como a iniciação científica, extensão etc. A minha experiência no Programa de Pós-graduação em Geografia mostrou que os alunos que participaram em programa como de iniciação científica tiveram menos dificuldades nos fundamentos conceituais e no método da pesquisa.

Qual é o papel da geografia na compreensão dos impactos socioambientais da exploração mineral na Amazônia?

Investir ainda mais em disciplinas de conteúdo regionais visando fortalecer os conhecimentos dos alunos no que diz respeito as ocorrências e exploração dos recursos naturais.

As Terra Caídas são um importante processo erosivo que atinge as comunidades e cidades ribeirinhas na região Amazônica. Como os estudos geográficos podem ajudar a entender e mitigar esse processo geomorfológico?

O desbarrancamento das margens dos rios amazônicos, em particular dos rios de água branca, é reconhecidamente um processo complexo ainda não bem conhecido e que afeta muitos moradores dispersos ou em aglomerados urbanos que residem nas margens desses rios. É importante dizer que não apenas o desbarrancamento das margens se torna um problema para essas populações e para os governantes, mas também o processo de deposição afeta a vida dos moradores de margem. Cidades como Fonte Boa, Amaturá e a Vila Novo Remanso, em

Itacoatiara, sofrem com o abandono do rio devido a formação de depósito de canal formados na frente desses povoados. Investir em pesquisa, principalmente em nível de pós-graduação visando compreender esses processos e mapear, para então mitigar esses processos, por certo deve ser a melhor contribuição da geomorfologia fluvial.

Qual é a sua definição de complexidade (sistemas não-lineares) e como você acha que esse novo paradigma pode ser aplicado em pesquisa e ensino de questões geográficas?

Entendo o pensamento complexo na perspectiva de Morin e Lisboa (2007) como “uma teia de interações, de incertezas e fenômenos aleatórios que precisam ser eliminados - a desordem - e o conhecimento ser ordenado a partir desta desordem”. A complexidade caminha para se consolidar como um novo paradigma científico em todos os ramos do conhecimento. Para Henrique Leff (2010) a complexidade é a concepção teórico-metodológica que melhor responde aos estudos da questão ambiental. No meu entendimento a Geografia ainda está muito tímida à aplicação dos fundamentos da complexidade. Atribuo essa timidez à dificuldade no domínio dos fundamentos teóricos advindo principalmente das áreas das ciências exatas. A Geografia necessita se incorporar mais nessa “nova ciência”.

Qual é a sua perspectiva sobre a dialética natureza-sociedade (pesquisa geográfica) e como ela pode ser aplicada e ajudar a entender os desafios enfrentados pela região amazônica?

A minha perspectiva sobre a dialética sociedade-natureza é de que já está retomada de forma muito tímida dessa discussão. Entendo que, com o fortalecimento das teorias que compõem o corpo da “Nova Ciência”, a “Ciência da Complexidade”, fortalece a necessidade de visitar Friedrich Engels em sua “Dialética da Natureza”. Entre as várias teorias que compõem o corpo da Complexidade, chamo atenção para a teoria da “Estrutura Dissipativa” do russo Ilya Prigogine. Nessa teoria, Prigogine e Stengers (1997) demonstraram que os sistemas naturais, fora do equilíbrio, são predominantemente não-lineares, onde em função da flutuação da energia em um sistema (entropia) pode provocar uma desordem no sistema e uma nova ordem a ser estabelecida não será possível ser prevista pois vários são os caminhos possíveis a partir da bifurcação do sistema. Ora, se os sistemas naturais são predominantemente não-lineares, complexos, imprevisíveis conclui-se que são dialéticos na perspectiva de Engels.

Compreender melhor esse corpo teórico da complexidade se torna um desafio ainda muito grande para as ciências, e para a Geografia em particular. Porém, julgo de fundamental importância esse aprofundamento para melhor compreender os sistemas naturais e a utilização desses pela sociedade em geral.

Que conselhos você daria para estudantes que desejam seguir carreira acadêmica na área de Geografia e quais recomendações você daria para a nova geração de geógrafos?

Em relação a orientação a estudantes eu daria dois principais conselhos para aqueles que querem seguir carreira acadêmica: i) se qualificar em nível de doutorado e, ii) sempre que puder, conhecer o interior do Amazonas e da Amazônia. Em relação ao primeiro conselho é fato que a atual realidade está exigindo profissionais cada vez mais qualificados. Por volta de 30 anos atrás ainda se fazia concurso para a carreira acadêmica somente com a graduação. Há vinte anos o mestrado ainda era critério suficiente para se fazer concurso em nível acadêmico. Em tempos atuais somente com doutorado é possível concorrer em concurso público para a academia. Em relação ao segundo conselho, ainda que o aluno tenha muita leitura, andar e conhecer novos lugares é de muita importância, pois há realidades que não constam em livros.

Quais habilidades você acha que são essenciais para ter sucesso na vida acadêmica e profissional?

Além de uma consistente formação teórica, o profissional de Geografia deve dominar as ferramentas, as atuais tecnologias de representação cartográfica. É fundamental que o geógrafo saiba fazer e principalmente interpretar as representações cartográficas para que se torne um profissional bem qualificado.

Qual foi o maior impacto que você acredita ter tido em sua área de pesquisa?

Considero como maior impacto no estudo das “terras caídas” (desbarrancamento de margens) foi a ausência quase total de literatura regional relacionada com a temática. Apesar da terra caídas ser um processo natural de forte impacto aos moradores das margens de rios, em particular aos moradores dos rios de água branca, até então não tinha merecido atenção por parte de instituições de pesquisa ou mesmo por estudiosos avulsos. Meu trabalho, em nível de mestrado, do ano de 2006 foi um dos primeiros estudos sistematizados sobre o assunto.

Qual é a sua visão para o futuro da atuação do Geógrafo e como você acha que este profissional pode contribuir para a sociedade?

Com a questão ambiental se tornando o principal eixo da discussão global a partir de meado do século XX, tal situação passou também a exigir uma mudança na formação acadêmica dos profissionais. Edgar Morin (2002) em “A cabeça bem-feita” considera que a questão ambiental passou a exigir uma visão multidimensional e a Geografia é uma das ciências com essa visão pois aborda os aspectos físicos e humanos/sociais. Corroborando com Morin, vejo que essa deve ser a preocupação na formação dos profissionais de Geografia; pensar o espaço como algo complexo e multidimensional e com isso melhor compreender a realidade e contribuir para as soluções dos problemas sociais.

AGRADECIMENTOS

Os autores agradecem ao Dr. Antonio Fábio Sabbá Guimarães Vieira pela leitura e revisão desta entrevista.

CONTRIBUIÇÕES DOS AUTORES

Concepção: Rogério Ribeiro Marinho e Matheus Queiroz. **Recursos:** Rogério Ribeiro Marinho. **Escrita do artigo:** Rogério Ribeiro Marinho e Matheus Queiroz. **Revisão:** Rogério Ribeiro Marinho e Matheus Queiroz. **Supervisão:** Rogério Ribeiro Marinho. Todos os autores leram e concordaram com a versão publicada do manuscrito.

REFERÊNCIAS

LEFF, Enrique. A Complexidade ambiental. 2. ed. São Paulo, SP: Cortez; Ed. da Universidade Regional de Blumenau, 2010.

MORIN, Edgar. A cabeça bem-feita. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, v. 99, 2002.

MORIN, Edgar; LISBOA, Eliane. Introdução ao pensamento complexo. Porto Alegre: Sulina, 2007.

PRIGOGINE, Ilya; STENGERS, Isabella. A nova aliança: metamorfose da ciência. 1. reimpr. Brasília: UnB, 1997.



Revista Geonorte, Programa de Pós-Graduação em Geografia. Universidade Federal do Amazonas. Manaus-Brasil. Obra licenciada sob Creative Commons Atribuição 3.0